

## **Entre carnes e livros: a história de um açougue cultural (Brasília-DF)**

**Inês Ulhôa<sup>1</sup>**

### **Resumo**

Além de vender carnes, o que mais um açougue poderia oferecer? Livros, é claro. Parece inusitado, mas é a mais pura verdade. Um açougueiro em Brasília,DF, coloca estantes de livros em seu estabelecimento para quem quiser pegar emprestado e programa noites culturais com debates, saraus e shows musicais, além de instalar estantes de livros em paradas de ônibus da cidade. Utopia? Loucura? Para Luiz Amorim, um sonho colocado em prática, um exercício de cidadania. Duas décadas depois, os eventos estão inseridos no calendário cultural da capital do país e revoluciona o sentido das ações patrimoniais existentes. Os eventos do açougue cultural T-Bone, patrimônio agregador dos moradores da cidade, já atraem turistas do Brasil e do exterior. Trata-se de um saber-fazer cultural popular que compreende o patrimônio como marco identitário de um povo, pois patrimônio não é só constituído por fatos materiais e oficiais “dignos” de serem lembrados e muito menos por edificações “propostas para a eternidade. É muito mais, abrange tudo aquilo que permita compreender o homem e sua cultura, aponta para histórias de vida, práticas e relações sociais.

**Palavras-chave:** Patrimônio. Cultura. Turismo. Identidade. Memória.

### **Introdução**

Aquele que ouve ou lê uma história sobre outro alguém também faz um trajeto, que percorre cada letra, cada vírgula, cada pausa, cada pensamento. A liberdade do leitor para construir esse itinerário permite criar um caminho que leva a uma certa intimidade com a história pesquisada e o seu personagem principal. Foi assim que a história e o itinerário de Luiz Amorim, profissão açougueiro, já aclamados na imprensa, despertaram em nós a

---

<sup>1</sup> Inês Ulhôa é jornalista e mestranda em Turismo na Universidade de Brasília (Centro de Excelência em Turismo/UnB).

curiosidade e a intenção de contar o inusitado movimento cultural iniciado por ele. E é a partir desse recorte de realidade, que este artigo pretende revelar outras histórias, outros conceitos sobre patrimônio e cultura na relação cidade, memória, patrimônio e identidade e suas representações sociais e culturais, que poderão nos servir de um outro olhar de moradores e de visitantes sobre a cidade de Brasília, pois como disse Hannah Arendt<sup>2</sup>

“... o mundo está cheio de histórias, de acontecimentos e ocorrências e eventos estranhos, que só esperam ser contados e a razão pela qual geralmente permanecem não contados é, segundo Isak Dinesen, a falta de imaginação”.

O fazer cultural do açougueiro Luiz Amorim desmonta o senso comum e reinterpreta a realidade – fazer cultura em um açougue? Misturar livros e carnes? Instalar estantes de livros em paradas de ônibus para quem quiser pegar emprestado, sem qualquer burocracia, sem sequer se identificar e devolver quando quiser? –, ao criar um sentido novo para o seu açougue e revolucionando o sentido das ações patrimoniais existentes.

Pois foi isso mesmo que ele fez. Tudo começou em 1994, quando Amorim iniciou o seu próprio negócio e resolveu colocar uma estante de livros dentro do açougue para quem quisesse pegar emprestado. A princípio, o ato causou estranheza em muitos. Mas ganhou simpatizantes, que doavam livros para o empreendimento inusitado. Quem não gostou nadinha disso foi a Vigilância Sanitária, que foi lá e fechou o açougue. Mas como não há normas que façam menção à presença ou não de livros em um açougue, o argumento da fiscalização foi o autoritarismo. Porém, o destemido açougueiro conseguiu reverter a situação, ganhando a simpatia da mídia e da população, que apoiou doando livros. As doações foram tantas que Amorim, no final de 2002, abriu uma biblioteca comunitária em uma rua próxima ao seu açougue cultural.

Foi em 1998, que ele iniciou o projeto “Noite cultural T-Bone”, que já faz parte do calendário cultural da cidade e atrai público de Brasília, do Distrito Federal e cidades do Entorno da Capital, de vários Estados e até turistas estrangeiros. Começou com um evento dentro do açougue para 30 pessoas. Nas edições seguintes o público só aumentava e as atividades ganhavam a rua. De 30 pessoas para 20 mil, que foi o público estimado no evento que trouxe o cantor Zé Ramalho, no dia 26 de maio/2011. Das noites culturais do Açougue T-Bone já participaram grandes nomes da música popular brasileira, como Elba Ramalho,

---

<sup>2</sup> ARENDT, Hannah. *Homens em tempos sombrios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003, p.88.

Erasmus Carlos, Geraldo Vandré, Belchior, Tom Zé, Moraes Moreira, Chico César, Guilherme Arantes.... e muitos outros, além de atrações internacionais, como a Orquestra de Viena.

Em 2008, Luiz Amorim inova mais uma vez ao inaugurar o projeto “Parada Cultural – Biblioteca Popular 24 horas”, ao instalar estantes de livros em paradas de ônibus da Asa Norte de Brasília também para quem quiser pegar emprestado, ler e devolver os livros sem qualquer anotação.

Luiz Amorim, que só conseguiu ser alfabetizado aos 16 anos e leu seu primeiro livro aos 18 e trabalhava como vigia e engraxate antes de ser contratado aos 12 anos por um açougue na rua comercial 312 norte em Brasília, é o responsável por dar um sentido novo a lugares da vida cotidiana e nesse espaço público exortar a presença da memória, da identidade, da cidadania e do patrimônio cultural.

### **Patrimônio histórico-cultural e lugares de memória**

Tomar como objeto de reflexão esse saber-fazer cultural do açougueiro Luiz Amorim nos leva a tentar entender o patrimônio histórico-cultural a partir de sua significação simbólica dotada de sentido para uma coletividade. Esse patrimônio pode ser percebido como um semióforo, um acontecimento que pode possibilitar, acreditamos, novos olhares, novas percepções sobre a questão do patrimônio cultural e seus significados. Segundo Marilena Chaui<sup>3</sup>, citando a obra de Krisztoff Pomian, “Entre le visible et l’invisible”,

“semióforo é alguma coisa ou algum acontecimento cujo valor não é medido por sua materialidade e sim por sua força simbólica, por seu poder para estabelecer uma mediação entre o visível e o invisível, o sagrado e o profano, o presente e o passado, os vivos e os mortos, e destinados exclusivamente à visibilidade e à contemplação, porque é nisso que realiza sua significação e sua existência”.

Na história de Brasília e acreditamos que em nenhuma outra cidade do Brasil se tem notícia de fato parecido, por isso esse saber-fazer cultural e popular se veste de importância para sua análise, considerando que patrimônio não é só constituído por fatos materiais e oficiais “dignos” de serem lembrados e muito menos por edificações “propostas para a eternidade”. É muito mais, abrange tudo aquilo que permita compreender o homem e a sua

---

<sup>3</sup> CHAUI, Marilena. *Cidadania cultural: O direito à cultura*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2006, p.117.

cultura, aponta para modos de vida, práticas e relações sociais. E ao caracterizar o patrimônio como espaço de relações humanas enquanto suporte da memória social coletiva é que concordamos com Pierre Nora, para quem

“a memória é vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está em permanente evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento, inconsciente de suas deformações sucessivas, vulneráveis a todos os usos e manipulações, suscetível de longas latências de repentinas revitalizações”

Também em consonância com Suzana Gastal, quando ela afirma que no atual momento turístico a atividade impõe a sua força social e econômica, a cultura deve ser deslocada para suas implicações sociais em termos de identidade e memória. Para tanto, ela sugere lançar um olhar sobre o turismo cultural para além de sua apresentação com mero diferencial mercadológico. E um dos itens mais apropriados pelo turismo cultural, segundo Gastal, é o patrimônio histórico, no qual está inserido os bens culturais. Ainda em sua argumentação, um bem cultural é, em geral, parte significativa da memória local, e ao focar em casos incomuns – cito aqui o do açougue T-Bone – utiliza-se a categoria “lugar de memória”, que incorpora em sua reflexão “uma concepção que remete diretamente à afetividade, integridade e identidades locais”<sup>4</sup>.

Para a mesma autora, a memória de uma localidade pode estar presente na produção cultural de seus moradores. Diz ela:

“É a memória do lugar que fica registrada na música, nos versos dos poetas [...] As diferentes memórias estão presentes no tecido urbano, transformando espaços em *lugares* únicos e com forte apelo afetivo para quem neles vive ou para quem os visita. Lugares que não apenas têm memória, mas que para grupos significativos da sociedade, transformam-se em verdadeiros *lugares de memória*”<sup>5</sup>.

Ao contextualizar o caso do Açougue T-Bone como patrimônio cultural da cidade de Brasília, no sentido de que patrimônio é percebido também como espaço de relações humanas, podemos analisá-lo enquanto suporte da memória social coletiva, entendendo que, diferentemente da memória individual, a memória coletiva resulta de interações sociais e processos comunicacionais. Ela tem a importante função de contribuir para o sentimento de

---

<sup>4</sup> GASTAL, Suzana. Lugar de memória: por uma nova aproximação teórica ao patrimônio local. In GASTAL, S. Turismo: Investigação e crítica. São Paulo: Editora Contexto. 2002, p.71.

<sup>5</sup> Idem, p. 76-77.

pertencimento dos grupos sociais à cidade. A sua construção implica referências a partir “da compreensão da cidade enquanto palco da diversidade, da proliferação de imagens, da polifonia de vozes”<sup>6</sup> e da participação dos atores políticos.

Neste sentido, Paolo Rossi argumenta:

“O mundo em que vivemos há muito tempo está cheio de lugares nos quais estão presentes imagens que têm a função de trazer alguma coisa à memória. Algumas dessas imagens [...] nos remetem ao passado de nossas histórias, à sua continuidade presumível ou real com o presente. Nos lugares da vida cotidiana, inúmeras imagens nos convidam a comportamentos, nos sugerem coisas, nos exortam aos deveres, nos convidam a fazer, nos impõem proibições, nos solicitam de diversas maneiras”<sup>7</sup>

Por isso também a importância de conhecer e refletir a história da Capital do País como Patrimônio Cultural da Humanidade nos seus contextos e como resultado da ação de seus moradores, repleta de lembranças a serem contadas e recontadas na tessitura do tempo, numa referência à materialidade das cidades, como a que se reportou Sandra Jatahy Pesavento:

“A cidade é materialidade, uma vez que ela é pedra, tijolo, ferro, vidro, madeira, cimento, aço, plástico; ela é também sociabilidade, pois é impensável refletir sobre a cidade sem considerar as relações sociais, sem interação. A cidade é sempre obra dos homens e se realiza com a atuação da coletividade, mesmo as cidades abandonadas mostram através de suas ruínas, o registro do desejo, do sonho, da mão humana. Mas a cidade é também sensibilidade, como já foi dito, porque ao longo de toda a história foi objeto de discursos e imagens que traduziram sensações, expectativas, desejos, medos, sonhos, utopias, razões e sentimento”. (citado por Nascimento...2009, p.8).

### **Cultura, turismo e criatividade**

Sabe-se que a empresa de Luiz Amorim, de acordo com a sua página na internet, tem como especialidade a venda de carnes bovinas, suínas e a organização de serviços de bufê (almoços, churrascos etc.). Como, então, lhe configurar como patrimônio carregado de referências identitárias, palco de manifestações culturais e como agregador de pessoas que vivem e ou visitam a cidade ao se apropriar da rua?

---

<sup>6</sup> In BOTELHO, Cléria. *Brasília: amor à cidade e cidadania*. Mimeo, 2009, p. 2.

<sup>7</sup> ROSSI, Paolo. *O passado, a memória, o esquecimento – seis ensaios da história das idéias*. São Paulo: Editora Unesp, 2007, p. 22.

Ora, é a partir de fatos como esse que é possível pensar a cidade como patrimônio, que, por sua vez, nos remete ao território, ao lugar, à paisagem, ao espaço, às datas, aos personagens históricos, às tradições e aos costumes – é o “sentimento de pertencer àquilo que nos pertence”, como disse Milton Santos ao se referir ao território usado como sendo “o chão mais a identidade”<sup>8</sup>.

No fato de que um açougue possa ser ponto de cultura e nessa perspectiva se distinguir produzindo representações e valores, que, por sua vez, poderiam produzir memórias e identidades, é que nos possibilita entender que referências como essa possam permitir a cidade ser vista como locus de vivência, da experiência do indivíduo com seu entorno. Além, é claro, de possibilitar o chamado turismo cultural. De acordo com a Organização Mundial do Turismo, turismo cultural é definido pelo “movimento de pessoas por motivos essencialmente culturais como os estudos, as artes de performance, tours culturais, viagens a festivais e outros eventos culturais, visitas a monumentos, viagens para estudar a natureza, folclore ou arte e peregrinações”. E, ainda, segundo Harvey, a cultura está relacionada ao “plano mais elevado da criatividade e do sentido humano, diferente do plano das fábricas de produção de massa e do consumo de massa”<sup>9</sup>.

Estabelecer relações acerca das formas variadas sob as quais se consubstanciam a apropriação do espaço e onde a memória se refugia, como este caso emblemático do Açougue Cultural T-Bone, impõe concordar com Hannah Arendt, para quem o homem só alcança o mais alto nível de desenvolvimento na ação. Para ela, a ação está na esfera pública e é “a única atividade executada diretamente entre os homens, sem o intermédio das coisas ou da matéria, corresponde à condição humana da pluralidade, ao fato de que homens, e não o homem, vivem na Terra e habitam o mundo”<sup>10</sup>. Ao agir, o homem transforma sua essência. Os homens somente são livres enquanto agem, “pois ser livre e agir são uma mesma coisa”<sup>11</sup>.

Sugere ainda pensar como e de que forma conhecer a cidade além de seus monumentos, seu patrimônio cultural pensado e consentido por seus habitantes, no sentido de

---

<sup>8</sup> In STEINBERGER, Marília. *Territórios turísticos no Brasil Central*. Brasília: LGE Editora, 2009, p.43.

<sup>9</sup> Citado por PIRES, Marina Salim. *Turismo e pós-modernidade: Teoria, cultura e pós-modernidade* (dissertação de mestrado, 2009). CET/UnB.

<sup>10</sup> ARENDT, Hannah. *A condição humana* Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005, 10ª. edição, 5ª. Reimpressão, p.15.

<sup>11</sup> Idem, p.199

que patrimônio cultural hoje designa um bem destinado ao usufruto de uma comunidade. É tudo aquilo que permita compreender o homem e a sua cultura, aponta para modos de vida, práticas e relações sociais. Visão essa já expressa na Constituição Federal, em seu artigo 216, quando se refere ao patrimônio cultural como qualquer manifestação material ou imaterial que seja representativa do homem e da cultura.

Toda prática social e cultural é simbolicamente marcada, principalmente se ela é resultado da liberdade criativa de indivíduos autônomos e independentes da “indústria cultural”. Para isso, a cidade é palco, lócus privilegiado para a formação cidadã e para o exercício da cidadania, com as suas devidas implicações, ou seja, as experiências e idéias, valores e obras, que, com sentido libertário, possam orientar novas práticas, sociais, políticas e culturais.

Mais do que exercício de reflexão, a cidade, representada em suas diversas manifestações, sejam estéticas ou político-culturais, é o “lugar onde agem forças múltiplas: produtivas, territoriais, de formação e pressões sociais”<sup>12</sup>, e por isso pode adquirir como patrimônio, além das obras de valor arquitetônico, outros elementos que revelam a vida, a convivência, as tensões e a ação criativa de seus moradores.

Tal constatação impõe a construção de uma relação entre memória social, temporalidades e identidade, que remete para a questão de lembrar-se e ser lembrado, de que nos fala Hannah Arendt<sup>13</sup> :

“Se os mortais conseguissem dotar suas obras, feitos e palavras de alguma permanência, e impedir sua perecibilidade, então essas coisas ao menos em certa medida entrariam no mundo da eternidade e aí estariam em casa e os próprios mortais encontrariam seu lugar no cosmo, onde todas as coisas são imortais, exceto os homens”.

### **Considerações finais**

As reflexões aqui levantadas permitem um amplo e rico debate que não se esgota tão facilmente. Portanto, não comportam resultados conclusivos, mas leva a conhecer e valorizar

---

<sup>12</sup> MENEZES, Ulpiano *in* Nascimento, Francisco e Monte, Regianny, *Cidade e Memória*. Imperatriz: Ed. Ética, 2009, p.8.

<sup>13</sup> ARENDT, Hannah. *Entre o passado e o futuro*. São Paulo: Editora Perspectiva. 5ª. Edição, 1968, p. 72.

elementos outros que possam vir a compor um patrimônio cultural de uma cidade, como essa do açougueiro Luiz Amorim. Igualmente, se torna cada vez mais relevante o estudo e a compreensão das identidades forjadas nessas novas interpretações do fazer cultural, “nesse quadro de re-simbolização e revalorização dos sentidos e funções culturais”<sup>14</sup>

Assim é que nos permitimos procurar compreender que a razão principal para esse conjunto de significados partilhados e construídos pelos homens para explicar o mundo – a cultura –, está justamente nesta entrada em cena de novas formas integradoras da vida social e cultural. Indivíduos pautam suas existências procurando dar sentido à sua práxis não no sentido do ser individual, mas na dimensão do ser social, tal como Marx um dia apregoou.

Do mesmo modo, segundo Norbert Elias, a sociedade “somos todos nós; é uma porção de pessoas juntas”. Para ele, a sociedade

“só existe porque existe um grande número de pessoas, e só continua a funcionar porque muitas pessoas, isoladamente, querem e fazem certas coisas, e no entanto sua estrutura e suas grandes transformações históricas independem, claramente, das intenções de qualquer pessoa em particular”<sup>15</sup>.

É sabido, pois, que a consagração de manifestações culturais espontâneas, como a empreendida pelo açougueiro-militante cultural, só se realizam pelo grau de envolvimento de outros agentes sociais. Nessa perspectiva, estão em jogo a memória e a identidade, interpretadas pela subjetividade dos atores, na medida em que encontra ressonância na vivência do fato em si.

Podemos, então, afirmar que um patrimônio histórico cultural de um povo é tudo aquilo que lhe confere identidade na medida em que é também espaço de relações humanas e, portanto, um campo para vivenciar experiências e para afirmar o direito à cidadania em sentido pleno.

## Referências

ARENDDT, Hannah. *Entre o passado e o futuro*. São Paulo: Editora Perspectiva. 5ª. Edição, 1968.

---

<sup>14</sup> DIEHL, Astor Antônio. *Memória e Identidade: perspectiva para a história*. In: TEDESCO, João Carlos (org). *Usos de Memórias*. Passo Fundo, RS: UPF, 2002. p.112.

<sup>15</sup> ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1994, p.13.



- \_\_\_\_\_. *Homens em tempos sombrios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.
- \_\_\_\_\_. *A condição humana*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2005, 10<sup>a</sup>. edição, 5<sup>a</sup>. Reimpressão.
- BOTELHO, Cléria. *Brasília: amor à cidade e cidadania*. 2009, mimeo.
- CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Rio de Janeiro: Editora Bertrand Brasil, 1988.
- CHAUÍ, Marilena. *Cidadania cultural: O direito à cultura*. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2006.
- DIEHL, Astor Antônio. *Memória e Identidade: perspectiva para a história*. In: TEDESCO, João Carlos (org). *Usos de Memórias*. Passo Fundo, RS: UPF, 2002.
- ELIAS, Norbert. *A sociedade dos indivíduos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editores, 1994.
- GASTAL, Suzana. Lugar de memória: por uma nova aproximação teórica ao patrimônio local. In GASTAL, S. *Turismo: Investigação e crítica*. São Paulo: Editora Contexto, 2002.
- HARTOG, François. Tempo e patrimônio. In Revista *Varia História*. Belo Horizonte. Vol. 22, n. 36, p. 261-273. Jul/dez 2006.
- MENEZES, Ulpiano in Nascimento, Francisco e Monte, Regianny, *Cidade e Memória*. Imperatriz: Ed. Ética, 2009.
- MIRANDA, Antonio. *Brasília capital da utopia (visão e revisão)*. Brasília: Thesaurus, 1985.
- NASCIMENTO, Francisco A. e MONTE, Regianny Lima. *Cidade e Memória*. Imperatriz: Ed. Ética, 2009.
- NEVES, Lucília. *História oral: Memória, tempo, identidades*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2006.
- NORA, Pierre. Entre memória e história. A problemática dos lugares. In *Revista do Programa de Estudos Pós-graduados em História e do Departamento de História*. PUC/SP. Dezembro de 1993.
- PIRES, Marina Salim. Turismo e pós-modernidade: Teoria, cultura e pós-modernidade (dissertação de mestrado, 2009) CET/UnB.
- ROSSI, Paolo. *O passado, a memória, o esquecimento – seis ensaios da história das idéias*. São Paulo: Editora Unesp, 2007.
- STEINBERGER, Marília. *Territórios turísticos no Brasil Central*. Brasília: LGE Editora, 2009.